

**A construção de uma nova visualidade urbana moderna nas páginas da revista
Madrugada, Porto Alegre (1926).**

Charles Monteiro*

A proposta deste trabalho é problematizar o papel que a fotografia teve na revista *Madrugada* de Porto Alegre (1926) no contexto do processo de elaboração de novos códigos culturais e novas formas de sociabilidade urbanas modernas.

Existem excelentes trabalhos sobre revistas ilustradas no Brasil nos anos 1920, alguns trabalhos como o de Ana Luiza Martins (2001) realizam um levantamento exaustivo e analisam a imprensa e a cultura letrada; outros como o de Márcia Padilha (2001) abordam a nova cultura moderna urbana, o consumo e a publicidade; já os trabalhos de Cláudio de Sá Machado Jr. (2006) e, sobretudo, Ana Maria Mauad (1990; 2005) e Cláudia Oliveira (2003) se dedicam especialmente a refletirem sobre as imagens fotográficas, problematizando os novos padrões visuais para representar as formas modernas de sociabilidade urbanas e uma nova pedagogia do olhar em um espaço urbano em transformação. Este estudo se aproxima dos trabalhos de Mauad (1990; 2005) e Machado Jr. (2006) valendo-se do diálogo com esses autores para interpretar, mais especificamente as formas de representação de uma cultura urbana em Porto Alegre na revista *Madrugada*.

Vários autores situam a modernidade no Brasil a partir dos anos 1870, após o fim da Guerra do Paraguai e ligada às propostas de reforma social da chamada Geração de 1870 (Velloso, 2003; Sevcenko, 1998). Modernidade aqui entendida como uma consciência crítica que propõe uma ruptura com o passado, visando subvertê-lo, projetando para o futuro em um processo de vir a ser (Cf. Touraine, 1992).

Para Velloso, em *Modernismo no Rio de Janeiro* (1996), cronistas e caricaturistas do início do século XX tinham a consciência de estar vivendo um momento caracterizado por uma nova temporalidade. Esta nova temporalidade estaria ligada à aceleração do ritmo de vida causada pelo crescimento urbano, pelos novos meios de transporte e de comunicação. Contudo, a modernidade visada pelos cronistas e fotógrafos dessas revistas ilustradas dos anos 1920 não rompia totalmente com o passado nacional ou regional, mas antes propunha sua atualização e uma negociação com a tradição.

No contexto de uma população de cerca de 75% de iletrados, as revistas ilustradas adquirem grande importância na constituição e legitimação de uma cultura urbana moderna,

* Professor Adjunto de História no PPGH da PUCRS, Doutor em História Social (PUCSP/Lyon 2).

funcionando como veículos de mediação de significados e sentidos sociais entre grupos sociais (Ortiz, 1994, p. 28). Sobretudo, na negociação e disseminação de sentidos sociais entre elites políticas e sociais e as camadas médias urbanas.

A imprensa ilustrada fez sua aparição coma a Ilustração Brasileira nos anos 1850 (Magalhães & Peregrino, 2004; Munteal & Grandi 2005). Os retratos e vistas urbanas já faziam parte do repertório visual das elites e camadas médias urbanas ao lado da pintura, pelo menos desde os anos 1850. Entre 1900 e 1930, há uma expansão do número de revistas e do público de leitores. O jornalismo deixa de ser apenas uma atividade política e de propaganda para assumir gradativamente um caráter mais empresarial e mercantil, voltado para o lucro através da venda de espaços publicitários, de assinaturas e vendas avulsas (Munteal&Grandi, 2005). Esta transformação exigiu investimentos em melhorias nas técnicas de impressão, na contratação de um grupo de colaboradores qualificado e prestigiado (pintores, artistas gráficos e escritores), bem como na diversificação do conteúdo das revistas e na ampliação do espaço publicitário. As revistas ilustradas desenvolveriam uma nova forma de editar e diagramar imagens (fotografias, charges, publicidades, etc.) em um meio dinâmico, que conjuga vários tipos de imagens e de textos (Costa, 1992).

As revistas ilustradas inserem-se nesse contexto e vêm a responder a demanda de informação e entretenimento das camadas sociais médias urbanas das grandes capitais brasileiras (Velloso, 1996). Nelas a fotografia ganha um lugar de destaque e ao lado da charge e da publicidade fazendo parte de uma nova cultura visual em expansão e uma nova pedagogia do olhar.

A revista *Madrugada* nasceu na mesa de um café, da reunião de jovens escritores e artistas, que buscavam um meio de divulgar suas idéias e de expressar novos ideais estéticos relacionados às primeiras expressões artísticas do modernismo no Rio Grande do Sul. Para Cida Golin (2006, p. 34), não se tratava de uma vanguarda radical, pelo contrário, esses jovens procuravam negociar com as elites locais um espaço de reconhecimento artístico e literário no contexto do limitado sistema de artes existente. *Madrugada* se apresentava como “Revista Semanal de Literatura, Arte e Mundanismo”, que pretendia misturar informação cosmopolita e cultura regional.

Os jovens que fundaram *Madrugada* eram provenientes das camadas médias e altas da sociedade local, estavam atualizados em relação às novas tendências da literatura européia através de livros e revistas importadas. O grupo era formado por J. M. de Azevedo (editor), Teodomiro Tostes (cronista), Augusto Meyer (escritor), Sotéro Cósme (artista e ilustrador das capas), João Sant’Anna, Vargas Neto, João Fahrion e Miranda Neto. A revista torna-se um

veículo do modernismo no contexto local, mesclando temas regionalistas (Página da Querência) à poesia de influência simbolista (Anthologia) e a divulgação de novos autores modernistas (Raul Bopp e Cecília Meirelles entre outros).

Em 1920, a população da capital chegava a 179.263 habitantes. Foi na administração de Otávio Rocha (1924-1928), chamado de “remodelador da cidade” nos jornais locais, que a cidade passou por um processo de modernização urbana com a abertura das primeiras grandes avenidas. Esse processo também foi acompanhado de uma campanha de “saneamento moral” do centro da cidade com o combate à prostituição, à mendicância, ao jogo, ao alcoolismo, bem como às habitações populares (cortiços, porões e pensões populares).

A redação de Madrugada se situava na Rua General Câmara n. 23, Sala 2, bem no centro da cidade em uma transversal da Rua da Praia, onde se situavam os principais cafés, bares e livrarias (Livraria do Globo), que a ligava a parte alta onde se situava o Palácio do Governo, a Assembléia, o teatro São Pedro e a Catedral. Nos arredores também se situavam os principais estúdios fotográficos, que atendiam a elites e camadas médias.

Madrugada possuía um formato de 29,5 x 21,5 cm, variava entre 28 e 36 páginas e possuía capa e contracapa coloridas. Segundo Alice Truzs (2006, p. 70), Madrugada seguiu o modelo de suas congêneres nacionais reproduzindo certos padrões, como a capa em papel superior e de maior gramatura e nas páginas internas o uso de papel inferior; publicidade na face interna da capa, ambas as faces da contracapa, nas páginas iniciais e finais da revista, separadas de outros conteúdos; a maioria das fotografias aparece em conjunto em poucas páginas encartadas no meio da revista e impressas em papel superior.

Os produtos anunciados nas publicidades de Madrugada eram dirigidos a um público seleto das altas camadas da sociedade local e exigiam hábitos de consumo modernos, tais como automóveis, jóias, máquinas de escrever, tecidos finos (sedas), roupas e acessórios importados, além da publicidade de espaços privilegiados como alfaiatarias, confeitarias, cafés e teatros.

Pode-se estabelecer uma relação entre os prováveis consumidores desses bens e serviços e um grupo de leitores de Madrugada, que apareciam representados nas fotografias de eventos sociais como festas de casamento, recepções, práticas desportivas, retratos e instantâneos do footing na Rua da Praia. Madrugada possuía seções específicas dedicadas ao “mundanismo” dando destaque às novas formas de sociabilidade das elites em espaços privilegiados de reunião e lazer.

Nessas seções é a fotografia que ocupa o lugar do texto, relegado a legenda da foto que auxilia a destacar os espaços de eleição, o momento específico e as personalidades em

destaque na imagem. Aos retratos de damas da sociedade e de senhoritas em idade de contrair matrimônio sucedem as fotos de pequenos grupos em atividades esportivas ou grandes grupos reunidos em clubes ou sociedades.

As imagens fotográficas se concentravam nas seções A alma encantadora das ruas, As lindas criaturas, Actualidades e Desportos, que eram comentadas nos textos de outras seções: Festas, Sociedade, Feira das Vaidades, Passeando, Chronica Semanal. A sessão As lindas criaturas possuía uma ou duas páginas com retratos pousados de senhoritas da alta sociedade de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e outras cidades, apontando para um público leitor da revista no interior ou para estratégias de casamento entre famílias tradicionais do interior e da capital. Estes retratos possuíam um efeito de flou e recebiam uma moldura desenhada, que os fazia assemelhar-se a retratos pintados ou a álbuns de família com fotos arranjadas nas páginas, em um primeiro momento. Nessas fotografias de mulheres os cabelos, os vestidos e os adereços (colares, chapéus, fitas, etc.) merecem atenção especial.

Na seção Atualidade, figuram fotos de noivos em estúdio, fotos de grupos de festas de casamento, fotos de reuniões políticas e de grupos reunidos em clubes ou sociedades esportivas. Essas fotografias posadas eram fruto de um trabalho de organização do grupo em fileiras de mulheres sentadas, em poltronas e cadeiras, e homens ao redor em pé. As posturas são rígidas e solenes, mulheres com as mãos sobre as pernas cruzadas e os homens com as mãos atrás ou ao lado do corpo do corpo (com exceção de algumas autoridades sentadas e com as mãos sobre as pernas). Algumas mulheres e homens encaram a objetiva outros olham sobre a câmera ou para um canto da sala. Em grande parte dessas fotos podem-se visualizar as pernas e os pés de homens e de mulheres.

A própria revista Madrugada realizava saraus artístico-sociais para a divulgação do periódico e a formação de um público leitor das novidades artístico-literárias apresentadas em suas páginas. Esses saraus consistiam na leitura de poemas, na encenação de textos selecionados e em conferências sobre temas literários e artísticos (Ramos, 2006, p. 26).

Fotografar pressupõe uma cumplicidade entre o fotografo e o fotografado, pois o fotógrafo registra um sujeito que se dá a fotografar. O fotografo torna-se uma testemunha abalizada das novas formas de sociabilidade e dos novos rituais urbanos das elites e camadas médias urbanas. Retratos individuais posados, fotografias de grupos bem organizados em clubes e sociedades, instantâneos de rua e de práticas esportivas, entre outras, compõe o repertório imagético de representação desses grupos sociais no espaço urbano nas revistas ilustradas na década de 1920. Nessa cultura visual, as imagens de mulheres recebem um espaço privilegiado (geralmente estão nas capas e nas seções dedicadas a atualidade,

sociedade, festas, recepções, clubes e publicidade) e também predominam numericamente (Oliveira, 2003).

As posturas, os gestos, os acessórios usados pelos sujeitos e também os objetos presentes na cena fotográfica estão carregados de significados sociais relacionados às práticas de determinados grupos e indivíduos (Burke, 2004). A representação da mulher nas revistas ilustradas é ambígua, ora ela era elevada à condição de musa, tendo sua beleza, sensualidade e participação valorizada em festas e reuniões sociais, ora relegada a um papel inferior e socialmente desvalorizado em notícias e crônicas (Soihet, 2004). As fotografias denominadas como instantâneos revelam a mulher da elite e camadas médias além do espaço doméstico, nas ruas, em festas e clubes, ocupando o espaço urbano e participando de práticas esportivas.

A edição dessas imagens nas páginas das revistas ilustradas criava uma narrativa visual. Símbolos da modernidade como postes de iluminação, fios elétricos, calçadas, automóveis e novos espaços de sociabilidade como cafés, confeitarias e clubes. Essas Através de imagens fotográficas, essas publicações organizam as novas práticas e formas de distinção social dos grupos urbanos.

Como conclusão parcial, pode-se afirmar que as imagens fotográficas da revista *Madrugada* seguem o modelo de sua congênera carioca *Careta*, como espaço de elaboração de novas formas de sociabilidade moderna e de consumo e valores na cidade moderna. A revista referenda e naturaliza o processo de segregação social em curso com as reformas urbanas, bem como reforça e legitima os valores modernos e burgueses. A esfera do visual é dominada pelas imagens da burguesia em recepções e retratos. O visível é justamente a predominância de ruas e clubes no centro da cidade, excluindo a periferia e as partes ainda rurais ou semi-rurais da cidade. A revista constrói uma visão burguesa do processo ao valorizar o indivíduo e a construção do prestígio e da distinção de classe na cidade através da fotografia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: imagem e história*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

COSTA, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes Visuais - Universidade de São Paulo (fotocopiada).

- COSTA, Helouise. Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O Cruzeiro (1928-1932). In: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, EDUSP, 1998, p. 261-292.
- COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues: *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais. Uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- GERVAIS, Thierry. L 'invention du magazine. In: *Études Photographique*, n. 20, juin 2007, p. 51-76.
- GOLIN, Cida. Em Porto Alegre, a Madrugada literária dos modernistas. In: RAMOS, Paula Viviane (org.). *A madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Editora da Universidade Ritter dos Reis, 2006, p. 32-43.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: *Artcultura*, vol. 8, n. 12, jan. – jun. 2006, p. 97-115.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família. Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade. Da razão urbana à lógica de consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1997.
- MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá: *Fotografia e códigos culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922)*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (fotocopiada).
- MAGALHÃES, Ângela; PEREGRINO, Nadja Fonseca. *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX*. Niterói, 1990. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal Fluminense (fotocopiada).
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: *Anais do Museu Paulista*, v. 13, n.1, jan.-jun 2005, p. 133-174.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma 'História Visual'. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 33-56.
- MONDENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. In: *Projeto História*, n° 18, Maio, 1999, p. 107-113.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Porto Alegre, 1995.
- MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 27, n. 53, 2007, p. 159-176.
- MUNTEAL, Osvaldo; GRANDI, Larissa. *A imprensa na história do Brasil. Fotorjornalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- OLIVEIRA, Cláudia Maria da Silva. *Entre a Arqueologia e a Modernidade: a representação do moderno nas revistas ilustradas cariocas FonFon!, Selecta e Para Todos... 1907-1930*. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (fotocopiada).
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira. Cultura e Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo. Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.

- POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Porto Alegre, 2005. Tese de Doutorado (História Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2 vol. (fotocopiada).
- POSSAMAI, Zita Rosane. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). In: *Anais do Museu Paulista*, Vol. 14, n. 1, jan-jun. 2006, p. 263-289.
- RAMOS, Paula Viviane (org.). *A madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Editora da Universidade Ritter dos Reis, 2006.
- SANDRI, Sinara Bonamigo. *Um fotógrafo na mira do tempo - Porto Alegre, por Virgílio Calegari*. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (fotocopiada).
- SANTOS, Alexandre Ricardo dos. O gabinete do Dr. Calegari: considerações sobre um bem-sucedido fabricante de imagens. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (org.). *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998, p. 23-31.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.), *História da Vida Privada, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p. 424-490.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu exótico na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos vinte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil, República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3, p.7-48.
- SOIHET, Raquel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristiane Maria Farmer (orgs.). *Produzindo Gênero*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. Vol. 1, p. 101-111.
- STUMVOLL, Denise; MENEZES, Naida (orgs.). *Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal/ Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 2007.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Os sentidos do modernismo: raízes e rupturas. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *Brasil Republicano 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da república à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p. 353-386.
- TOSTES, Theodomiro. *Nosso Bairro*. Porto Alegre: Fundação Paulo Couto e Silva, 1989.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.27, 1998, p. 7-15.
- TURAZZI, Maria Inez. Paisagem construída. Fotografia e memória dos 'melhoramentos urbanos' na cidade do Rio de Janeiro. In: *Varia História*, Vol. 22, n.35, jan-jun 2006, p. 64-78.
- TRUSZ, Alice. Publicidade e imprensa. In: RAMOS, Paula Viviane (org.). *A madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Editora da Universidade Ritter dos Reis, 2006.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.